



**RATIO - FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA**  
**CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

**TATIANE RODRIGUES DE SOUSA**

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA DIVISÃO SEXUAL DO**  
**TRABALHO NO RAMOS DE SUPERMERCADONA CIDADE DE**  
**FORTALEZA-CE**

**FORTALEZA**

**2018**

TATIANE RODRIGUES DE SOUSA

REPERSENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO  
NO RAMOS DE SUPERMERCADO NA CIDADE DE FORTALEZA-CE

Monografia submetida à aprovação do Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr. Virzângela Paula Sandy Mendes

FORTALEZA

2018

---

Página reservada para ficha catalográfica.

Solicitar através do e-mail: [biblioteca@ratio.edu.br](mailto:biblioteca@ratio.edu.br)

---

TATIANE RODRIGUES DE SOUSA

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO  
NO RAMOS DE SUPERMERCADO NA CIDADE DE FORTALEZA-CE

Monografia submetida à aprovação do Curso de Bacharelado em Serviço Social pela Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Virzângela Paula Sandy Mendes (Orientadora)  
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

---

Prof. Ma. Diocleciana Paula da Silva  
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

---

Prof. Esp. Adryana Estácio Trummer  
RATIO - Faculdade Teológica e Filosófica

Este trabalho e dedicado às pessoas que sempre estiveram ao meu lado em toda a minha trajetória de vida, me deram suporte e condições quando eu mais precisei e acreditaram em minha capacidade: Minha Mãe Raimunda Rodrigues Minha irmã Gidervania Rodrigues e aos meus tios pais que são responsável por tudo isso Liduina Rodrigues e Edmilson Viana.

## AGRADECIMENTOS

Assim como todas as pessoas de classe trabalhadora passam por diversas dificuldades não foi diferente comigo, desde a infância até os dias atuais sempre enfrentei situações que poderiam ser o motivo para me fazer desistir, mas meu sonho de prosseguir e com o apoio de minha família e amigos me fizeram acreditar que era capaz de alcançar meus objetivos e assim caminhei.

Foi uma longa jornada de aprendizado, debates, leituras, produções, despertares, encontros, lágrimas, sorrisos, longos dias de estudo, longas noites madrugadas produtivas, Grandes amizades feitas em turma que certamente ficara sempre guardado em meu coração, amizades para além da sala de aula assim como minhas amigas que tenho toda admiração Erica Mel, Anali Chaves, Fabricia, pessoas na qual me deu toda força para não desistir, Naiane que me aconselhava e dizia tudo isso vai passar amiga, força você já e muito guerreira, minha técnica de estagio Camila Pequeno e toda a sua família pela solidariedade prestada quando eu mais precisei, de modo muito particular aos meu melhores amigos que mesmo estando longe me deram força continua Ronyinho agradeço por suas palavras todo o seu carinho admiração que tem me motivado sempre, Alan Moreira e meu quase irmão Natiel Ximenes que na sua simplicidade sempre teve respeito carinho e admiração pela minha pessoa. Finalmente conclui!

Portanto agradeço a Deus por me proporcionar força para conseguir enfrenta as dificuldades da vida que foram muitas, mas que nunca me fizeram desistir agradeço a Deus pelas as coisas que aprendi, pelos dias de dificuldade que muitas vezes me fizeram chorar, mas que o senhor sempre esteve ao meu lado, me guiando me confortando e me fazendo repousar em suas palavras.

Agradeço também a faculdade Ratio a qual juntos aos professores me proporcionou o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional e hoje estarem me proporcionando esse sentimento de realização e de sucesso. De forma cariosamente agradeço minha inteligentíssima orientadora Dr, Virzangela Sandy pela paciência por todo empenho dedicado a elaboração deste trabalho, agradeço por todo conhecimento transmitido e ter confiado em mim.

Agradeço também professora Kelly Menezes que sempre acreditou que seria capaz, de ir, mas além, a professora Mayra Raquel que mesmo sendo muito rígida sempre transmitiu confiança e empoderamento na sua disciplina, a professora Adryana pelo despertar desse tema por sempre acreditar em minha capacidade, sempre mim incentivou com suas palavras não só de professora, mas também de amiga não existir reconhecimento melhor, a professora Diocleciana figura muito representativa.

Agradeço muito a minha mãe, Dona Raimunda Rodrigues, que sempre foi minha fonte de motivação, sempre acredito que um dia esse sonho iria ser realizado, mesmo longe de mim depositava toda confiança sempre me educou muito bem sempre esteve comigo em todos os momentos difíceis me deu apoio moral me conduziu pra vida e me fez ser uma pessoa forte sempre me dizia você é uma guerreira, uma pessoa vitoriosa. Agradeço minha irmã Gidervânia que nunca me deixou desistir de prosseguir em frente, agradeço de maneira eternamente grata aos financiadores do meu sonho minha Tia Liduina Rodrigues que além de tia e uma mãe que sempre esteve ao meu lado e depositou toda sua confiança todo o seu amor toda a sua fé para que eu prosseguir, ao meu tio na qual tenho enorme carinho admiração por fazer meus dias mais fáceis, por me estende a mão quando, mas precisei por substituir a ausência de uma pai, agradeço minha vizinha que mesmo longe cuida de mim através de suas orações, sou eternamente grata, ao meu companheiro Lucas Pereira que mim ajudou mesmo de forma indiretamente, mas que cuidou de mim, teve paciência, me acalmava quando entrava em desespero você acompanhou todos os momento de angústia e alegria.

Agradeço as entrevistadas desde trabalho. Por terem disponibilizado parte do seu tempo para conversas comigo, mesmo na correria de suas responsabilidades, agradeço também por terem contribuído de forma relevante nesse processo.

Que nada nos sujeite que nada nos defina. Que  
a liberdade seja a nossa própria substância.

Simone de Beauvoir

## RESUMO

Considerando a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e as profundas transformações ocorridas na esfera do trabalho expressa principalmente na divisão sexual do trabalho, essa pesquisa teve como objetivo analisar os antagonismos de classe vivenciados pela mulher no mercado de trabalho oriundos da reestruturação produtiva do capitalismo. O estudo desenvolveu-se através de uma abordagem qualitativa, a qual permitiu a descoberta de novos campos de pesquisa do objeto de investigação. Foi realizada pesquisa de campo que permitiu uma aproximação satisfatória, foi realizando a entrevista semiestruturada, com pergunta aberta, aplicada com quatro mulheres de setores diferente. Os resultados encontrados mostram que os perfis dessas mulheres trabalhadoras são na faixa etária há cima de 25 anos de idade, sendo uma solteira, e as outras três casadas. São mulheres que além de serem trabalhadora são mãe, esposas e dona de casa. Todas relataram ter uma longa jornada de trabalho, e também terem passado por algum tipo de violência psicológica no ambiente de trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho, Gênero, Dominação.

## **ABSTRACT**

Considering the increasing insertion of women in the labor market and the profound transformations in the sphere of labor expressed mainly in the sexual division of labor, this research aimed to analyze the class antagonisms experienced by women in the labor market from the productive restructuring of capitalism. The study was developed through a qualitative approach, which allowed the discovery of new fields of research of the object of investigation. A field survey was conducted that allowed a satisfactory approximation, and the semi-structured interview was conducted with an open question, applied with four women from different sectors. The results show that the profiles of these working women are in the age group over 25 years of age, one single, and the other three married. They are women who besides being hardworking are mother, wives and housewife. All reported having a long working day, and also having undergone some kind of psychological violence in the workplace.

**Keywords:** Work, Gender, Domination

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABNT</b>	Associação Brasileira de Normas Técnicas
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>NBR</b>	Norma Brasileira Regulamentar
<b>PUCPR</b>	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
<b>SIBI</b>	Sistema Integrado de Bibliotecas
<b>Trad</b>	Tradutor
<b>CF</b>	Constituição Federal
<b>MMM</b>	Marcha Mundial de Mulher
<b>MMC</b>	Movimento de Mulheres Camponesa
<b>AMB</b>	Articulação de Mulheres Brasileira
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unida
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Perfil Biográfico das mulheres entrevistadas .....	24
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: RELATOS METODOLÓGICOS, A DEFINIÇÃO DO OBJETO E A INSERÇÃO EM CAMPO ...</b>	<b>19</b>
2.1 A Aproximação e Construção do Objeto de Estudo.....	19
2.2 O trabalho de campo: a coleta de dados e os sujeitos da pesquisa .....	21
<b>3 DISCUSSÕES CONCEITUAIS SOBRE TRABALHO.....</b>	<b>26</b>
3.1 Trabalho como categoria fundamental do ser social .....	26
3.2 A trajetória de inserção da mulher no mercado de trabalho .....	29
3.3 Porque é importante lutarmos: apresento o movimento de mulheres.....	35
<b>4 GÊNERO E SUAS DETERMINAÇÕES: RELATOS DAS MULHERES TRABALHADORAS DO RAMO DE SUPERMERCADOS NA CIDADE DE FORTALEZA-CE .....</b>	<b>38</b>
4.1 “Todo o nosso tempo é dedicado ao trabalho e afazeres domésticos” – discussões sobre divisão sexual do trabalho e sua dimensões .....	38
4.2 “Meu salário é inferior se comparado ao do gerente (sexo masculino)” – discussões sobre gênero e relações de dominação no ambiente de trabalho.....	43
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Vivenciamos na sociedade brasileira, uma transformação global no mercado de trabalho, um contingente enorme de mulheres que cada vez, mais faz se inserir nesse universo, mas isso não que dizer que elas estão cada vez, mas emancipada nem tampouco conseguiram se torna a população economicamente ativa, as reestruturações do mundo do trabalho, flexível, parcial e precário fizeram com a classe trabalhadora principalmente as mulheres participa se dos trabalho precários muitas vezes sem direitos trabalhista, tendo que ser submissa ao capital, para poder garantir o meio para sua subsistência condição primaria que o capital oferece. Nesse sentindo o trabalho e uma categoria primordial na vida do ser humano como veremos a seguir.

Segundo Cisne (2012), na sociedade brasileira o processo de emancipação da mulher no mercado de trabalho, embora sua inserção no mercado de trabalho tenha ocorrido por volta dos anos1970, foi somente durante o século XX que passamos ver mais visível essa participação. Nesse sentindo sua inserção no mundo capitalista e uma das mais profundas transformações sociais ocorridas nos pais, mas isso não significou sua plena emancipação nem tampouco sua autonomia já que agora se encontra submetidas às condições precárias do mercado de trabalho e sobrecarregadas com as atividades domésticas e toda responsabilização á família.

Segundo Del Priore (2008), o sistema capitalista não tratou em termos iguais de introduzir essas mulheres nas mesmas condições ao dos homens, Com isso introduziu as mulheres no mundo do trabalho secundário, estruturando uma concepção de familiar nuclear na qual o homem e o principal provedor e a mulher a principal responsável pela vida privada. Dessa forma eram colocadas em posto de trabalho hierarquizado, com uma ideologia machista e com uma justificativa de analisar suas competências através de sua capacidade física criando estereótipos de que lugar de mulher e na cozinha. Muitas vezes, as trabalhadoras nem são reconhecida como parte da população economicamente ativa e sua contribuição social reduz se ao papel de mantenedoras do equilíbrio domestico familiar.

Diante dessa situação de acordo com Marx (2013), com a introdução da maquinaria no processo de produção não seria tão necessário à força de trabalho muscular dos homens.

Assim, introduziram ao processo de produção as mulheres, que tinha membros mais flexíveis, essa substituição do modo de produção fez com que novos assalariados se submetessem ao comando do capital, explorando assim não só o homem, mas também as mulheres, que além da longa jornada de trabalho em locais insalubres elas também sofrem com os assédios sexuais e as opressões dentro das fábricas. Além disso passaram a exercer duplas jornadas de trabalho, sem reconhecimento econômico, pois sua inserção no mundo produtivo não rompeu com o tradicionalismo patriarcal do cuidado social com família.

Segundo Hirata (2007), as mulheres são as que, mais sofrem com as desigualdades existentes do mundo do trabalho, mesmo com as escolaridades mais alta não garante para elas oportunidades iguais ao do homem, a discrepância de salários inferiores é influenciada por vários fatores, derivados da divisão sexual do trabalho e de uma ordem de gênero que incluem não só o trabalho, mas toda a dimensão da vida social das mulheres como pré-destinadas as funções primordiais de cuidar da vida privada e da esfera doméstica.

De acordo como os dados pesquisados na agencia de Noticia divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), vários fatores contribuem para as diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Em 2016, as mulheres dedicavam, em media 18 horas semanais cuidados de pessoas ou afazeres domestico, a mais do que os homens (10,5 horas). Essa diferença chegava a 80% no nordeste, isso explica, em partes, a proporção de mulheres ocupadas em trabalhos por tempo parcial, de até 30 horas semanais, em função da carga de afazeres e cuidados muitas mulheres se sentem compelidas a busca ocupações que precisam de uma jornada de trabalho mais flexível.

Nesse sentido, podemos analisar que a longa jornada de trabalho e um dos fatores que contribuem para a desigualdade salarial entre homem e mulheres, e que tem relação direta com a diferença de gênero, provocando assim uma dupla exploração sobre as mulheres. Nesse sentido, segundo o Relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2018), que as demandas enormemente desiguais que as mulheres enfrentam têm relação a cuidado e responsabilidade de casa continua a se manifestar como desigualdade no mercado de trabalho. O Brasil é considerado emergente, com maior diferença entre homens e mulheres mesmo com nível educacionais em media superior aos dos homens ainda sim sua participação no mercado é menor.

Portanto em relação a essa desigualdade, a ideia de mulher como força de trabalho secundaria, por um lado tem uma forte persistência social, embora os dados estejam indicando

que, se em algum momento isso foi correto, trata-se de uma realidade que esta mudando rapidamente e, por outro lado e uma dos elementos centrais na estruturação dos padrões de discriminação de gênero que persistem e se reproduzem no mercado de trabalho. (HIRATA, 2008).

Outro fator que contribuem para a reprodução de discriminação de gênero que muitas vezes e camuflada e passa despercebida está relacionada na relação de trabalho dentro do próprio ambiente. Segundo o relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), no período de 2015-2016, as mulheres progrediam no mundo do trabalho, mais a discrepância salarial mostra de 24% delas recebem salários inferiores aos dos homens mesmo exercendo a mesma função, esse problemática vem sendo justificada pelos empresários através do conceito de família, segundo eles as mulher não tem muito tempo para se dedica a empresas, com isso são mais propicia a fazer negociação com ganho mais baixo para ter tempo para cuida da família.

Nesse sentido, algumas mulheres no ramo de supermercado na cidade de fortaleza são recrutadas para determinada funções hierarquizados, mas com ganhos inferiores condições que se contrapões o direito de igualdade constituído na Constituição de 1988, que expressa nos artigo 5º, à igualdade entre os sexos; e do artigo 7º, inciso XXXII, que versa sobre a igualdade trabalhista, essa problemática esta relacionada ao processo histórico onde a leis trabalhista alcançaram primeiro as homens e não fazia nenhuma referência a vida fora da fábrica muito menos ao trabalho de mulheres.

Portanto Cisne para (2012), o caráter contraditório entre capital e trabalho produzindo nas relações sociais entre homens e mulheres, condicionam os antagonismos das classes trabalhadoras, que são expressas nas longas jornadas de trabalho produtivas e reprodutivas<sup>1</sup>, nas opressões e violências psicológicas vividas no cotidiano dentro do ambiente de trabalho, na divisão sexual, com salários inferiores que se reproduzem nas relações de poder, que e fruto da desigualdade entre gênero.

Antunes (2009), afirma que nas relações entre gênero e classe nos permitem constatar que, no que universo do mundo produtivo e reprodutivos, vivenciou também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham são, desde a família e a escola, diferentemente qualificadas e capacitadas para o ingresso no

---

<sup>1</sup> Ciclo de produção: trabalho exercido no âmbito produtivo na qual gera uma renda econômica. Trabalho Reprodutivo que é exercido no âmbito Doméstico, mas não gera uma renda econômica.

mercado de trabalho e o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho.

Diante desse contexto, o trabalho de conclusão de curso, teve como objetivo geral, analisar como são as percepções dessas mulheres trabalhadoras sobre as distinções por gênero no ambiente de trabalho. Ainda como forma de análise para contempla essa pesquisa trazemos como objetivos específicos: discorrer sobre a trajetória de inserção da mulher no mercado de trabalho, traçar o perfil biográfico das mulheres trabalhadoras, e por fim observa como se dão as relações de poder entre homens e mulheres trabalhando no mesmo espaço na empresa de supermercados na cidade de Fortaleza/CE.

Para atingimos o sucesso dessa pesquisa foi necessário o aprofundamento teórico metodológico, pois é através desse conhecimento que passamos a nos questionar e nos posicionar acerca das problemáticas enfrentada no cotidiano. Portanto diante dessa perspectiva optamos por uma abordagem qualitativa, pois a intencionalidade da investigação é compreender as percepções das mulheres trabalhadoras no ambiente de trabalho. Pois, esse tipo de pesquisa responde a questões muitos particulares por ser fundamentada nas Ciências Sociais e exigir um nível de realidade, pois só ela da conta do dinamismo da vida individual e coletiva que não pode ser explicada de forma quantificada (MINAYO, 2010).

Em posse desses questionamentos com a intenção de investigar a cerca da problemática pesquisada foi utilizado à metodologia bibliográfica. De acordo com Minayo (2010), toda pesquisa que tem como base a Ciência Social é necessária essa metodologia, pois ela se define por um conjunto de procedimento que o pesquisador precisa percorrer para se atingir um objetivo final de um pensamento, é a prática exercida na abordagem da realidade, ela incluir gradativamente a teoria da abordagem que auxilia na realização da pesquisa.

Desse modo para discutimos sobre a trajetória da inserção da mulher no mercado de trabalho e todas as desigualdades enfrentadas pela categoria, utilizamos os autores Karl Marx, e Ricardo Atunes, Mary Del Priore, para o embasamento sobre relação gênero usamos a autora Hirata, Mirla Cisne e Safioti que retratam o patriarcado e sobre a relação de poder usamos os autores Michel Foucault e Bourdieu.

Diante de todo o processo de desenvolvimento da pesquisa foi importante à entrada em campo. De acordo com Minayo (2010), é nesse momento que o pesquisador precisa ter clareza das questões colocada do levantamento bibliográfico bem feito para que o pesquisador

possa avançar na pesquisa e não volta ao nível primário e também nesse momento que passamos a ter uma aproximação com a realidade, sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os autores na qual ira auxiliar na descoberta do conhecimento. Nesse sentido o campo escolhido foi o próprio ambiente de trabalho, para garantir o anonimato dos participantes desse estudo não identificamos o supermercado o qual foi realizada a pesquisa.

As interlocutoras da pesquisa foram mulheres casadas, com renda mensal de até dois salários mínimos. Os critérios de seleção foram mulheres na faixa etária acima de 25 anos que trabalham há mais de dois anos nos ramos de supermercado, e com o ensino médio concluído. A entrevista contou com a coleta de dados pessoais e com perguntas aberta e fechada na qual facilitou a comunicação entre as interlocutoras. O instrumento utilizado na coleta de dado foi a entrevista semiestruturada. Nesse sentido Minayo (2010) diz que é a combinação de perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistador tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada.

Por fim, é importante colocar em relevo o cuidado e o compromisso com projeto ético do assistente social que e regulamentado pela Lei nº 8662/93 que tem como competência o sigilo das identidades dos sujeitos e da empresa, na qual optemos por nomes fictícios, Sarita, Lunara, Toinha, Aninha, informamos que este compromisso ético encontra-se devidamente firmado através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) sob os cuidados das pesquisas.

O resultado deste estudo foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo irei discorrer sobre o processo de construção da pesquisa: relatos metodológicos, a definição do objeto e a inserção em campo.

O segundo capítulo, conceito sobre trabalho e seu caráter contraditório a inserção da mulher no mercado de trabalho e um breve retrospectiva sobre a luta das feministas pelo direito das mulheres.

Por fim irei contextualiza a divisão sexual do trabalho sobre a categoria de gênero, entre as esferas doméstica e profissional, e as relações de poder, assedio moral o que e isso.

## **2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: RELATOS METODOLOGICOS, A DEFINIÇÃO DO OBJETO E A INSERÇÃO EM CAMPO**

### **2.1 A Aproximação e Construção do Objeto de Estudo**

A aproximação com o objeto da pesquisa ocorreu através da minha primeira experiência de trabalho no período de 2004, onde passei oito anos trabalhando em uma empresa de calçados na cidade de Sobral, dentre varias atividade que executei umas delas trabalhei diretamente com funcionário homens, foi onde os estereótipos e assédio moral se intensificaram mais ainda, muitas vezes produzida pela minha supervisora, cheguei ao ponto de querer sair da empresa, pois já não tinha condições psicológicas pra trabalha no mesmo ambiente, fui transferida de vários setores devido a uma decisão estereotipada da minha supervisora.

Nas palavras dela eu era uma mulher sem moral, e falou a seguinte frase: “os macho tudo da empresa ligando pra tu”, na certa os homens ligavam sim pra mim, porém não com intenção pessoais, mas devido eu trabalhar liberando transporte para quem solicitava.

No ano de 2012 a oportunidade de entrar no curso de serviço social na cidade de Sobral. Foi através dessa inserção no universo acadêmico que passei ter conhecimento sobre as contradições entre capital e trabalho, seu processo de alienação, e tive a oportunidade de cria uma consciência de mim, já podia perceber as relações de poder dentro da empresa, mas ainda não tinha um objetivo definido na qual eu pudesse futuramente ampliar.

Saí de Sobral/CE e fui morar em Fortaleza do ano de 2013 a 2014, em busca de melhores condições tanto de trabalho como de vida, passei por diversas empresas de supermercado, todas com um curto período, pois já tendo consciência de mim, não aceitava, mas passar por todo assedio moral que já tinha passado anteriormente, acabava se posicionando de frente com meus superiores ao ponto de ser demitida, e em 2015 fui novamente contratada para outra empresa de supermercado onde me encontro atualmente, foi nessa empresa que não irei identificar que meu objeto de pesquisa foi ficando mais visível.

Comecei a estudar na Faculdade Ratio durante o ano de 2014, e foi através das disciplinas de Seminário Temático, ministradas pela professora Adryana, e de Pesquisa II com

a professora Kelly Menezes, que a vontade de pesquisar, mas sobre as representações da mulher na divisão sexual do trabalho, também, tive como embasamento teórico durante o período de aprendizagem o privilégio de ler o livro da autora Mirla Cisne e da Mary Del Priore que foi fundamental para seguir em frente com essa temática. Em TCCI produzir um pouco sobre a temática, só que não foi possível da continuidade devido algum problemas pessoais tive que tranca o curso. Somente em 2018.2 que voltei ao curso de Serviço Social e sobre orientação da minha professora Virzângela Sandy na disciplina de TCC II, é que formulamos melhor o objetivo da pesquisa.

Outro fato que contribuiu muito para que eu escolhesse esse tema, surgiu no decorrer do meu processo metodológico na faculdade, onde desde o primeiro semestre estudamos sobre a categoria trabalho, só que esse conceito e visto de modo a ser compreendido apenas por uma classe trabalhadora masculina, sendo que a classe trabalhadora feminina e quase invisível, sendo que ela também existir e merece ser compreendida em sua complexidade. Outro fator que e relevante ao desenvolver da pesquisa e compreender que a violência contra a mulher não acontece apenas no âmbito domestico, nos relacionamento ou ate mesmo no ato de estupro, mas ela perpassa no âmbito do trabalho.

Minha experiência de vida sempre buscava por uma emancipação, só que no meu conhecimento cultural o fato de não depender economicamente de homem fosse o essencial, tanto que sempre trabalhei desde muito cedo para possuir minha coisa, pois filha de pais separados tive que adiar o sonho de esta no mundo acadêmico. Anos depois quando adentrei no universo acadêmico que pude perceber as relações de poder que passava dentro do ambiente de trabalho na qual me encontra nos dias atuais, assedio moral era constantemente presenciado nos ambientes muitas vezes operadoras chorando no caixa, violação de direito de poder ter filho por conta dos estereótipos que os gerentes reproduziam, ameaças de demissão, superioridade dos clientes homens sobre as operadoras mulheres que muitas vezes não aceitava suas cantadas, muitas das vezes a competitividade entre as operadoras fortalecia, mas ainda o machismo e fragilizava a categoria.

Outro fato e que mesmo elas passando por toda essa violação de direito muitas não tem o conhecimento acerca da situação vivida, é quando tem a precarização das relações de trabalho e a necessidade de trabalhar as deixa presa a essa situação.

Tendo em vista a pertinência de algum questionamento essa pesquisa tem como objetivo geral analisar como ser da à distinção de gênero no ambiente de trabalho. No item a

seguir relatarei às técnicas utilizadas e o caminho trilhado para a coleta de dados e os sujeitos da pesquisa.

## **2.2 O trabalho de campo: a coleta de dados e os sujeitos da pesquisa**

Como dito anteriormente, a pesquisa foi realizada no supermercado de nome fictício São Camilo, localizado na cidade de Fortaleza/CE, os primeiros levantamentos de dados foi durante o ano de 2016. A escolha desse local foi devido a minha inserção e vivência dentro do próprio ambiente, onde presenciei fatos que me fizeram por muitas vezes me posicionar a frente da categoria que também passavam por estereótipos, injustiça, desigualdade e principalmente o machismo.

Durante meu expediente são totalizados 15 operadores de caixa, sendo uma turma mista entre homens e mulheres, um fiscal de caixa do sexo masculino, um encarregado de caixa, um gerente, ambos masculinos e todos muito machistas. Por diversas vezes eles proferiam palavras estereotipada sendo a mais frequente “[...] se dependesse deles não contrataria mulheres por menstruar, engravidar e serem muitos frágeis, por tudo choram”. Outro fato é que os autoritarismos diante das funcionárias as deixavam coagidas diante das situações enfrentadas.

Meu primeiro contato com as interlocutoras ocorreu durante após a minha inserção no dia 19 de agosto de 2015, durante meu cotidiano no ambiente de trabalho, sempre converso com as operadoras que passaram por algum tipo de constrangimento ou injustiça, e percebia que as mesmas não sabiam dos seus direitos. Foi quando apresentei meu objetivo de pesquisa e convidei-as a fazer parte desse processo de desconstrução da situação em que nos mulheres se encontrávamos. Apresentei também a cada uma das entrevistadas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elas se sentiram felizes e confiantes em participar da pesquisa por se tratar das questões que elas mesmas sofriam, sendo que a situação que elas passam no ambiente de trabalho e pouco estudada.

Foi aplicado durante as entrevistas um roteiro de perguntas formuladas através do conhecimento teórico-metodológico e através da minha experiência como funcionária do supermercado. Formularam-se sete perguntas para as interlocutoras como forma de nortear as conversas. As entrevistas foram realizadas com quatro interlocutoras de setores diferentes

dentre eles: operador de caixa, fiscal de caixa, encarregado de setor e gerente todas do sexo feminino, duas entrevistas foram feitas no ambiente de trabalho e outras duas tiveram que ser nas residências das entrevistadas, onde se pode observar que as entrevistas feitas nas residências das interlocutoras foram mais proveitosas devido à liberdade que elas tiveram de ficarem mais a vontade, bem diferente das feitas em local de trabalho, em que se sentiram constrangidas em responder alguma pergunta.

Para subsidiar na coleta de dados usei um gravador de voz, sendo que cada entrevista foi conduzida em tempo diferente, pois como relato anteriormente algumas interlocutoras não falaram muito a cerca de alguma pergunta. Também foi utilizado o aplicativo que serviu como ferramenta para facilitar algumas perguntas que não poderão ser respondidas no momento da entrevista devido algum imprevisto no momento, pois estas se sentiram privilegiadas de poder participar deste trabalho e desejaram que meu trabalho pudesse trazer grande contribuição para a sociedade, principalmente para a delas que sofrem com a desigualdade de gênero. Foi também apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que todas prontamente concordaram em assinar.

A experiência com as entrevistas foi um pouco desafiadora para mim, tanto que ocorreu atraso para realizar, pois duas interlocutoras que tinha agendado para fazer em sua residência estavam viajando, e as outras duas eram difíceis de encontrar horário livre durante a jornada de trabalho, sendo que uma das interlocutoras teve que fazer no próprio horário de trabalho, ainda como barulho do som do ambiente, cliente precisando do serviço dela. Isso tudo foi um pouco complicado, mas no fim tudo ocorreu da melhor forma possível e proveitosa, pois interagimos de forma que todas as interlocutoras aprenderam algo sobre o objeto da pesquisa, todas dirimiram dúvidas sobre a questão da exploração de trabalho e sobre essa dupla jornada de trabalho que elas executam, mas que achavam que era natural, ou seja, de obrigação da mulher.

No decorrer das entrevistas tive bastante atenção para não expor minha opinião particular enquanto conversávamos sobre a relação de poder, os assédios morais que perpassam no ambiente de trabalho e sobre a exploração da força de trabalho dessas trabalhadoras, tendo em vista que também faço parte dessa categoria profissional, pois também sou operadora de supermercado e sei o quanto passamos pela árdua jornada de trabalho e os assédios morais e as desigualdades de gênero que enfrentamos todos os dias, algumas até se posicionavam e descreviam a longa jornada de trabalho muito exaustiva, pois

além de trabalhar fora de casa ainda tinham que cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos, mas havia quem naturalizasse como norma a jornada de trabalho e o cuidado com o lar.

Diante do exposto, é de suma importância apresenta as mulheres do ramo de supermercado que participaram dessa entrevista, tendo em vista identificar características semelhantes que interferem na relação de trabalho dessas mulheres trabalhadoras nos ramos de supermercado, vale ressaltar que mesmo com a autorização de cada uma para o uso de seus nomes, preferi o anonimato das interlocutoras e substitui por nomes fictícios escolhidos pelas próprias interlocutoras.

A primeira entrevista foi realizada no dia 04 de setembro de 2018, com Sarita, em sua residência. Sarita tem 25 anos, está em união estável, não tem filhos. Quanto à sua escolaridade tem ensino médio completo, sua função é operadora de caixa de supermercado e já estava há quatro anos no trabalho, mas começou como embaladora e quando faltava alguém no caixa era ela que substituí. A interlocutora mora em Messejana há mais de 5 anos com seu esposo e trabalha 8 horas por dia no supermercado e quando termina seu expediente ela ainda cuida dos afazeres domésticos que, segundo ela não tem ajuda de ninguém sua renda mensal de 1.800 reais, somando-se com a do companheiro.

A segunda entrevista foi realizada no dia 20 de outubro de 2018, com Lunara, em seu local de trabalho. Ela tem 27 anos, solteira, não tem filhos, possui ensino médio completo e atualmente esta no curso de Direito, residir em fortaleza, sua inserção no ramo de supermercado foi em primeiro lugar através de seus familiares que tinha um supermercado, só no ano de 2015 foi que ela resolveu se inserir no mercado de trabalho como já tinha experiência como operadora de caixa continuou com essa profissão, Lunara está no supermercado três anos, e foi promovida a fiscal de caixa ela relatou que além de trabalha 8 horas por dias ainda trabalha com diárias para pode completa sua renda, pois mesmo sendo solteira sua renda de operadora de caixa não da pra custear suas despesas com faculdade e coisa pessoais, a mesma também relatou que se sente cansada, e explorada principalmente quando tem que dobra o expediente, a mesma tem uma renda mensal no valor de R\$ 1.558 somando com seu trabalho extra.

A terceira entrevista foi realizada dia 27 de outubro de 2018, com Toinha de 47 anos, casada tem apenas 1 filho homem, trabalha há mas de 8 anos em supermercados onde sua função e gerente de supermercado, além de trabalha como gerente ela também trabalha com venda nas horas disponível, pois sua carga horária no supermercado tem hora para iniciar

mais não tem horário certo para sair, e sua folga nem sempre conseguiu ser cumprida devido a demanda da empresa pois ela é responsável pelo funcionamento de todos os setores do mercantil, a mesma relatou que se acha explorada e sem reconhecimento econômico sua renda mensal somando com sua venda externa na o total de R\$1.930,00.

A quarta e última entrevista foi realizada de 29 de outubro de 2018, com Aninha em sua residência, ela tem 33 anos, sua escolaridade também possui ensino médio completo, casada e está grávida do primeiro filho. Aninha começou a trabalhar com 18 anos como operadora de caixa na loja de variedades em geral onde passou seis anos, aos 24 anos se inseriu nos ramos de supermercado como repositória do setor de bazar, e já faz 9 anos que ela trabalha nesse setor, ela relatou que já foi prejudicada em ser promovida para o setor de mercadorias local que preferencialmente é ocupado pelos homens devido ao descarregamento de alimento, e pelo fato dela ser mulher não pode ocupar a vaga. Sua renda mensal é em no valor de R\$ 1.345,70. A seguir apresento um quadro contendo um resumo do perfil biográfico das entrevistadas

**Tabela 1.** Perfil Biográfico das mulheres entrevistadas

NOME	SARITA	LUNARA	TOINHA	ANINHA
IDADE	25 Anos	27 Anos	47 Anos	33 Anos
ESCOLARIDADE	Ensino Médio Compl.	Ensino Superior Incompl.	Ensino Médio compl.	Ensino Médio Compl.
ESTADO CIVIL	Casada	Solteira	Casada	Casada
RENDA FAMILIAR (R\$)	1.800	1.558	1.930	1.345
TOTAL DE HORAS TRABALHADAS POR DIA	Mais de 8 Horas	De 8 há 16 horas	Ate 16 horas	Mais de 8 horas

De acordo com os dados da pesquisa divulgados pelo Instituto de Geografia e Estatísticas (IBGE), já mencionado na introdução deste trabalho e levando em consideração nosso quadro sobre o perfil biográfico das entrevistadas, podemos visualizar que diversos fatores contribuem para a desigualdade entre homens e mulheres, um deles, são as longas jornadas de trabalho somando mais de 30 horas em tempo parcial entre trabalho, e afazeres doméstico. Outro fator que também contribui para a desigualdade entre homens e mulheres

refere-se à educação, pois mesmo elas tendo nível de escolaridade mais alto, não garante boa oportunidade.

De acordo com Hirata (2007) para que elas consigam melhores empregos é preciso uma formação educacional significativamente superior para que possa ter acesso às oportunidades iguais às dos homens, em média quatro anos mais para conseguir a mesma remuneração e dois anos mais para ter as mesmas oportunidades de ascensão a um emprego formal que garanta sua segurança social.

Em relação ao perfil das mulheres trabalhadoras dos ramos de supermercado de fortaleza-ce, das quatro entrevistadas 75% o que corresponde a três mulheres são casada e 25% o que corresponde a uma mulher e solteira. Quanto à escolaridade das mesmas, 75% o que corresponde a três mulheres concluíram o ensino médio enquanto 25% o que corresponde a 1 mulher cursa ensino superior. Em relação às horas de trabalho produtivo e reprodutiva e tarefas extras 75% o que corresponde a três trabalhadoras, trabalham mais de 8 horas por dia e 25% que corresponder um trabalham 16 horas por dia.

No que diz respeito ao numero de filho 50% o que corresponde a duas não tem filho e 50% tem somente um filho cada, porém para as mulheres que tem filho elas relatam que há dificuldade em conciliar em serem mãe e trabalhadora ao mesmo tempo, devido sua rotina de trabalho.

Nesse sentido de acordo com as interlocutoras, todas elas vivenciam uma jornada de trabalho muito intensa, o que nos leva a perceber que todo o seu tempo e dedicado ao trabalho produtivo e reprodutivo, gerando assim uma insatisfação de realização enquanto mulher.

### **3 DISCUSSÕES CONCEITUAIS SOBRE TRABALHO**

#### **3.1 Trabalho como categoria fundamental do ser social**

Para começamos nossa discussão acerca da categoria trabalho, comecemos, portanto, em primeiro lugar falando que o trabalho com condição primária da existência humana, o homem ao se apropriada natureza cria seus meios de subsistência, e através da produção do valor de uso das mercadorias fruto do seu trabalho útil que a humanidade satisfaz suas necessidades.

Inicialmente, Marx (2013) caracteriza o trabalho como uma ação humana que medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza, e através dessa apropriação como matéria natural que ele põe em movimento as forças naturais pertencentes ao seu corpo, braços pernas cabeça e mãos agindo sobre a natureza externa e modificando-a por esse movimento sua própria natureza, ou seja, é através da apropriação dos meios de produção que opera uma transformação do objeto do trabalho que se define em valor de uso, para atender a necessidade da sociedade por meio de sua transformação.

No processo de trabalho a atividade do homem com os meios de produção, opera uma transformação do objeto de trabalho, na qual seu produto passa agora ter um valor de uso, uma matéria extraída da natureza e modificada através do trabalho humano com a finalidade de atender as necessidades da sociedade, nesse sentido o valor de uso só possui valor porque nele está objetivado e materializado trabalho humano abstrato.

Nessa ligação entre homens e natureza está o trabalho abstrato o qual produz um valor de uso, que passa atender a necessidade da sociedade ao se realizar em trabalho concreto através do valor de troca. Portanto valor de todas as mercadorias é um trabalho abstrato não só direto, mas indireto, que passa a ser alienado na sociedade capitalista.

Nesse sentido Antunes (2011), nos salienta que o trabalho se mostra como momento importante da realização social, isso significa que as relações entre homem e natureza como criadores de valores de uso, como trabalho útil são o principio para a realização do ser social e para a existência humana, ela apresenta uma dupla transformação, o homem trabalha e transformado pelo seu trabalho extraindo da natureza suas potencialidade ocultas e subordinas

as forças da natureza a seu próprio poder e ao mesmo tempo os objetos e as forças da natureza são transformados em meio de trabalho.

Ainda de acordo com o autor, o trabalho é uma expressão de uma atividade essencial para manter o metabolismo social entre humanidade e natureza e ao mesmo tempo sua concretude histórica e social se metamorfoseia sob os constrangimentos mediados pelo capital em trabalho alienado e *fetichizado*, nesse sentido o trabalho concreto ao mesmo tempo em que cria coisas socialmente úteis também se subordina ao trabalho abstrato, assalariado e estranho.

Portanto podemos perceber que o trabalho assalariado, ao mesmo tempo que traz uma satisfação de sobrevivência, se torna um modo alienante da classe trabalhadora, pois sua força de trabalho, na medida que é apropriada pelo capitalista se torna uma mercadoria, na qual seu trabalho abstrato produzirá riquezas e ao mesmo tempo um estranhamento ao trabalhador.

A esse respeito Antunes afirma:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quando mais riqueza produz, quando mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias ele cria, com a valorização do mundo das coisas. Aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo do homem. O trabalhador não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias, este fato nada mais exprime, senão o objeto que o trabalho produz, seu produto, se lhe defronta como ser estranho, como um poder independente do produtor. (ANTUNES, 2013, p. 141-142).

Diante do exposto o trabalho tem um duplo caráter, que é expresso no valor de uso e no valor de troca, as mercadorias para adquirirem valores de uso elas têm que ter valores de uso de outrem, valor de uso social, ela tem que ser produzidas tendo em vista, a troca o mercado e a sociedade. O valor das mercadorias é determinado pelo quanto de trabalho materializado no seu valor de uso e pelo tempo socialmente necessário sua produção. A força de trabalho também é vendida como mercadoria, o capitalista ao adquirir a força de trabalho em troca de um salário ele intensifica o trabalhador para garantir assim seu lucro nesse processo, o trabalhador assalariado produz uma alienação um estranhamento ele deixa de se reconhecer socialmente e passa a ser reconhecido no mundo das coisas sobre uma forma *fetichizada*. Quando mais mercadoria produz, mais pobre de espírito ele se torna.

Nesse sentido Cisne (2016) salienta que o trabalho aliena o ser social e se coisifica, o trabalhador não se reconhece, mais no produto que produziu dessa forma o trabalhador se distancia da natureza, feitichizando-a. o trabalho passa a ser uma obrigação para a sobrevivência condições essa que gera no trabalhador um sofrimento e aflição na qual quanto, mais o trabalhador se desgasta no trabalho, mais poderoso se torna o mundo objetivo, ocorrendo uma exteriorização do trabalhador em seu produto que agora passa a existir independentemente de que a produziu como algo estanho ao trabalhador.

Dessa forma ainda seguindo o pensamento da autora para que haja a superação da alienação e da ideologia e necessários a eliminação da divisão social do trabalho, que não dependerá somente da simples vontade ou desejo da consciência humana, mas, da ação política concreta da classe trabalhadora, outro fato é que a divisão social do trabalho é associada à propriedade privada.

Diante do exposto é relevante falarmos que a classe trabalhadora são todos aquele que vende sua força de trabalho em troca de um salário, e ao fazer isso se defronta com um mundo cheio de injustiça social, que são expressa nas relações de trabalho precários decorrente das transformações que vem ocorrendo no sistema produtivo onde o trabalho humano é substituído por máquinas, elevando assim a classe trabalhadora a uma subalternização, aceitação das longas jornadas de trabalho, a informalidade trabalhista, a competitividade no mercado de trabalho além de dividirem a classe trabalhadora para que elas não adquira uma consciência política e revolucionaria capazes de se defrontar com o sistema capitalista como também aumenta o exército de reserva de desempregado.

A esse respeito Marx nos salienta:

Se o emprego capitalista da maquinaria cria, por um lado, novos e poderosos motivos para o prolongamento desmedido da jornada de trabalho, revolucionando tanto o modo de trabalho como o caráter do corpo social de trabalho, e assim quebrando a resistência a essa tendência, ela produz, por outro lado, em parte mediante o recrutamento para o capital de camada da classe trabalhadora que antes lhe era inacessíveis, em parte liberando os trabalhadores substituídos pela máquina, uma população operária redundante, obrigada a aceitar uma lei dita pelo capital. (MARX, 2013, p.480).

De acordo com Antunes (2009) e com base no pensamento de Marx salienta que o modo de ser da classe trabalhadora de hoje excluir seus gestores do capital, seus altos funcionários que detém o papel de controle do processo de trabalho, de valorização e reprodução do capital, de modo a elevarem seus rendimentos, e vivem das especulações e dos juros, portanto a classe que vive do trabalho vem sofrendo com as mutações do mundo do trabalho.

Tem-se reduzindo o proletariado industrial, fabril, tradicional, e manual, estável e especializado, herdeiro da era industrial verticalizada, esse proletariado viveu na vigência do binômio do sistema Taylorista e Fordista e vem diminuído com a reestruturação produtiva do capital. A flexibilização motivada pela introdução da máquina informatizadas que permitem relações diretas com as empresas muitos distantes, assim também a nova forma de empregos domésticos possibilitou um novo cenário de proletariados fabris e de serviços vem crescendo em escala global o que podemos classifica como trabalho precarizados.

Nesse sentido toda essa mudança do mundo do trabalho decorrente da desindustrialização e desproletarização vem trazendo grande consequência na expansão do trabalho precarizados, parcial, temporário, terceirizados e informalizado, vivenciadas principalmente pela a classe trabalhadora feminina que muitas vezes é obrigada a se submeter à ordem do capital.

São muitas as metamorfose do mundo do trabalho decorrentes das transformações do novo modo da produção capitalista, que substituiu a classe operária tradicional e instalou o trabalho assalariado, e a mesmo tempo houve uma heterogeneização do trabalho, expressa no crescimento de trabalho feminino.No tópico a seguir irei trazer o processo histórico de inserção da mulher no mercado de trabalho e darei referência principalmente aos antagonismos enfrentados pela classe trabalhadora feminina.

### **3.2 A trajetória de inserção da mulher no mercado de trabalho**

Para iniciarmos a trajetória da mulher no mercado de trabalho, começarei falando sobre um mundo no qual a mulher sempre foi denominada como propriedade privada do homem, as relações que permeavam a sociedade era de ordem patriarcal, a mulher educada para a vida em família e cuidado com o lar, o homem como principal e único provedor da

família, a mulher viveu décadas sobre esse sistema, não tinha voz, corpo nem vez, mesmo que a historicidade traga vestígio de alguma mulheres trabalhando antes mesmo do processo de industrialização esse contexto e neutralizado na história de emancipação da mulher.

Nesse sentido, Priore (2008) salienta a transformação da família burguesa durante o século XX, trouxe uma nova mentalidade a cerca da representação da mulher, com a consolidação do capitalista emerge uma nova organização das vivências familiares e domésticas do tempo e das atividades femininas, o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa agora valorizada pela intimidade e da maternidade um sólido ambiente familiar, o lar e o cuidado com a educação dos filhos, a esposa dedicada ao marido era desobrigada de qualquer trabalho produtivo. A chamada família patriarcal brasileira tinha como figura representativa o pai como único detentor de poder sobre seus dependentes.

Segundo a autora foi durante o século XX, que boa parte do proletariado fabril era constituída por mulheres nesse mesmo período vários artigos da imprensa assim como o romance de Pagu denunciava as investidas sexuais dos patrões sobre as trabalhadoras que se revolta contra todo tipo de humilhação que elas viviam dentro das fábricas, apesar das muitas greves e mobilização política que elas realizavam contra a exploração do trabalho entre 1890 e 1930, elas era vista como mocinhas infelizes e frágil o que facilitava a ambição masculina, muitos dos artigos escrito na época eram produzidos por alguma figura masculina, com isso a construção da identidade das mulheres trabalhadora tem viés, mas com o masculino do que com sua própria percepção de sua condição social, sexual e individual.

Embora a inserção da mulher nos estabelecimento fabril tenha um numero significativo, não se deve supor que elas foram progressivamente substituindo os homens e conquistando o mercado de trabalho, pelo contrario elas vão sendo progressivamente expulsas das fábrica na medida em que avançam a industrialização e se incorpora a força de trabalho masculina, as trabalhadoras passam a enfrentar diversas barreiras para pode participar do mundo dos negócios, da variação salário á intimidade física, da desqualificação intelectual ou assedio sexual, elas tiveram que enfrentar um campo definido pelos homens tido naturalmente masculino.

Na medida em que o novo sistema capitalista passa a introduzir a maquinaria como ferramenta de produção, as mulheres passam a fazer parte desse ambiente fabril, sendo

colocada em postos de trabalho precários insalubres e passando agora a vivenciar uma intensiva jornada de trabalho por terem membros, mais flexíveis.

Diante disso Marx afirma:

A medida que torna imprescindível a força muscular, a maquinaria converte no meio de utilizar trabalhadores com pouca força muscular ou desenvolvimento imaturo, mas com membro de maior flexibilidade. Por isso o trabalho feminino e infantil foi a primeira palavra de ordem da aplicação capitalista da maquinaria. Assim, esse poderoso meio de substituição do trabalho e de trabalhadores transformou-se prontamente num meio de aumentar um número de assalariados submetendo ao comando imediato do capital. (MARX, 2013, p. 468).

Diante do contexto podemos perceber que um dos fatores em que a mulher passa a fazer parte do sistema capitalista vem de uma questão de inferioridade e delicadeza, e não por uma vontade particular ou um direito delas. Outro fator é que a estratégia no capitalista foi de aumentar sua produção reduzindo seus custos e na mesma proporção aumentando seus lucros através da exploração de todos os membros da família.

Vale ressaltar de acordo com Priore (2008) a rotina nas fábricas era muito pesada, variando de 10 a 14 horas diárias, supervisionado pelos contramestres e patrões, essa divisão do trabalho, as mulheres ficavam com as tarefas menos especializadas e mal remuneradas, enquanto os homens ficavam com os cargos de direção, sem lei trabalhista que pudesse proteger o trabalho feminino, elas enfrentavam as péssimas condições de trabalho, a falta de higiene nas fábricas o controle das disciplinas e ainda os assédios sexuais, que eram neutralizadas dentro das fábricas pelos patrões.

Além disso eram desmoralizadas, pois acreditavam que o trabalho das mulheres fora de casa destruiria a família, tornaria os filhos frouxos e as crianças cresceriam soltas, sem a constante vigilância da mãe, os discursos da época, apontavam o homem como único provedor da família. Outro fato importantíssimo é que as mulheres negras ocupavam setores, mas desqualificadas recebiam salários baixíssimos e péssimos tratamentos, eram vistas como rudes, bárbaras e promíscuas destituídas, portanto de qualquer direito de cidadania, a esse respeito afirma-se:

A vida das operárias nas fábricas criadas no começo de nossa industrialização, momento particularmente importante para o futuro das mulheres no mundo do trabalho no Brasil [...] foram definidos códigos sociais e morais, noções de certo ou errado, assim como a legislação trabalhista que deveria reger por muitas décadas as relações de trabalho com consequência nos lares e na vida social. Os espaços públicos modernos foram definidos como esfera essencialmente masculina, do qual

as mulheres participavam apenas como coadjuvante, nas condições de auxiliares, assistente, enfermeiras, secretarias, ou seja, desempenhando as funções consideradas menos importante nos campos produtivos que lhe eram abertos. (PRIORE, 2007, p. 603).

E dentro do contexto histórico que Antunes (2009) nos fala sobre que ampliação do trabalho feminino no mundo produtivo das últimas décadas é parte do processo de emancipação parcial das mulheres, tanto na sociedade de classe quanto nas inúmeras formas de opressão masculina, que são antagonizadas na divisão social e sexual do trabalho, isso ocorre por que o capitalismo incorpora o trabalho feminino de modo desigual, as desigualdades são expressas na precarização das condições de trabalho das mulheres. Salários inferiores, direitos e as condições de trabalho tem sido ainda mais intensificado quando, os estudos sobre o mundo fabris os olhares apreendem também a dimensão de gênero.

O universo do mundo trabalho no capitalismo contemporâneo e marcada por uma desproletarização do trabalho industrial e fabril, o que causou uma diminuição da classe operária industrial tradicional e efetivou uma expansão do trabalho assalariado, houve uma heterogeneização, inserindo também o trabalho feminino no mundo operário, em trabalho parciais, temporários, precários, gerando assim o desemprego estrutural que atingir não só os homens mas principalmente as mulheres que enfrentam a desigualdade de gênero no mundo dominado pelos homens. (ANTUNES, 2009).

Nesse sentido, embora as mulheres tenham de alguma forma rompido parcialmente com o conservadorismo da época, ainda há muito que avançar em busca de uma emancipação plena, principalmente no que tange ao sistema capitalista e suas novas formas de exploração.

Hirata (2007) salienta que desde a última década do século XX o mercado brasileiro é marcado por uma progressiva participação das mulheres no mercado de trabalho, que vem ocorrendo desde a metade dos anos 1970. De um lado a conquista de bons empregos, o acesso a carreiras e profissões de prestígio por parte das mulheres escolarizadas, por outro lado presenciamos o aumento de desemprego feminino por conta da má qualidade de trabalho e o predomínio de atividade precárias e informais, decorrente das novas formas de produção que flexibiliza as relações de trabalho.

A esse respeito Antunes complementa:

[...] o capital tem sabido também se apropriar intensificadamente da polivalência e multiatividade do trabalho feminino, da experiência que as mulheres que as mulheres trazem das suas atividades realizadas na esfera do trabalho reprodutivo, do trabalho doméstico. Enquanto os homens [...] mostram, mas dificuldade em adaptar-se as novas dimensões de polivalência [...] o capital tem se utilizado desse atributo social herdado pelas mulheres [...] portanto, o que era um momento efetivo ainda que limitado de emancipação parcial das mulheres frente a exploração do capital e a opressão masculina. O capital converte em uma fonte que intensifica a desigualdade. (ANTUNES, 2009, p. 109-110).

Diante do exposto a inserção da mulher no mundo do trabalho vem sendo pautada na luta cotidiana de mulheres feministas, que tentam romper com um sistema tradicional ainda muito conservador, que reproduz as desigualdades entre trabalho produtivo e reprodutivo, pilar essencial para o capital explorar a força de trabalho feminina e obter seus lucros.

Diante disso Hirata (2007) salienta que força de trabalho feminina quando existe e uma aspecto secundário, primeiro porque se estrutura sobre uma concepção de família nuclear, quando o homem não pode cumprir esse papel devido a uma crise econômica, quando se trata da ausência da figura masculina no lar. Essa inserção secundária da mulher são expressões decorrentes do processo histórico na qual ela estaria no mercado de trabalho não por um direito ou uma necessidade própria, mas sim por uma “falha” do homem de cumprir com suas obrigações enquanto provedor do Lar, nesse sentido e legitimada a ideia de que o lugar da mulher não é no mercado de trabalho.

Portanto Cisne (2016) complementa falando que, outra vantagem que o sistema capitalista tem se apropriado está no conceito de família, para as classes dominantes, o trabalho reprodutivo é parte integrante do modo de produção capitalista, ou seja, a exploração das mulheres dentro da família e exteriorizada na exploração dentro do mundo do trabalho, através do trabalho doméstico gratuito da mulher, e contado na economia geral da exploração. O trabalho doméstico é indispensável ao modo de produção capitalista a qual se apoia na exploração do trabalho reprodutivo não remunerado da mulher, assim como na exploração do trabalho produtivo que por via de regras recebem baixos salários e desvalorizam o sexo feminino.

O processo de transformação decorrente da revolução industrial no século XIX, no período de surgimento do capitalismo introduziu as mulheres no mercado de trabalho, sendo delas a maior parte de lugares não qualificados e mal remunerados, são essas as fragmentações entre o saber fazer e o ter.

Para a autora, São diversas as fragmentações que a mulher enfrenta ao longo de sua trajetória em busca de uma autonomia e uma plena emancipação, fora a distinção de papéis em que a sociedade naturaliza, ainda enfrenta o imaginário mundo empresarial na qual sua evidencia seria a incapacidade das mulheres não poder se dedica ao trabalho, limitação para fazer horas extras, viajar ou trabalharem em horários noturno, devido sua responsabilidade com o lar.

É dentro desse contexto que a autora Cisne (2012), nos fala sobre a dificuldade das mulheres se organizarem enquanto classes sociais:

A não valorização do trabalho faz com que muitas mulheres não se percebam como trabalhadora, não construindo, portanto, a identidade com a classe. Isso faz com que algumas mulheres se acomodem, não se organizem e nem participem politicamente das lutas da classe trabalhadora, deixando também de assumirem cargos em associações, sindicatos ou na direção de movimento sociais, o que contribui diretamente com o capital, pois significa menos pessoas em confronto com este sistema. (CISNE, 2012, p.144).

Nesse sentido, a inserção da mulher no mercado de trabalho, produtivo já ocorre na condição de inferioridade em relação aos homens devido a divisão sexual do trabalho que são reproduzidas ate hoje, justificada pela classe dominante, que qualifica a mulher como incapaz de ocupar os cargos considerados masculinos, sendo colocadas em cargos de menor remuneração por suas qualidades naturais.

De acordo com Nogueira (2003), se por um lado a inserção da mulher no mundo do trabalho foi uma conquista, por outro permitiu que o capitalismo ampliasse a exploração da força de trabalho, intensificando o universo do trabalho, outro exemplo e que essa dimensão de classe se articula com a dimensão de gênero, quando se pensa na questão de exploração, pois a naturalização da subalternidade das mulheres nesta sociedade, assim como os papéis por elas desempenhados contribui para o fortalecimento das diferenças de gênero imposta por um sistema que diferencia os papéis ditos masculinos e femininos de modo a atender seus interesses, dentro do sistema ideológico do capital.

Diante do exposto, muitas mulheres feministas vêm lutando na tentativa de desconstruir esse imaginário tradicional e de superar os antagonismos decorrentes do capitalismo, eram muitas as reivindicações que essa feminista lutava dentre elas estão: as

péssimas condições de trabalho, o fim da dominação, exploração as diferenciam de gênero, no sentido delas serem dona dos seus corpos.

### **3.3 Porque é importante lutarmos: apresento o movimento de mulheres**

De acordo com Priore (2008) transformações do mundo do trabalho têm atingindo de maneira precária os diversos grupos sociais na sociedade brasileira, produzindo vários conflitos, algum segmento que conseguiram se organizar ganharam projeção política e espaços de interlocuções com as instituições do estado que legitimavam suas reivindicações, porém é importante destacamos que por, mas que alguns conflitos estejam relacionados entre as relações de trabalho elas também aparecem em outra esfera da vida social. Nesse sentido muitas das reivindicações dos movimentos das trabalhadoras atingiram áreas não somente ligada à atividade produtiva, mas estendendo se a vida familiar.

As mulheres trabalhadoras enfrentavam diversos problemas tanto na relação de produção como na vida social, as péssimas condições de trabalho e de higiene nas fábricas ou nas habitações coletiva e a inexistência de direitos sociais e político organizaram as trabalhadoras em movimento em busca de superá-las o antagonismo enfrentado pela industrialização.

Nesse sentido Cisne (2014) salienta que, as lutas das trabalhadoras atingiram não somente as atividades produtivas, mas também as reprodutivas, isso se dá pela função ideológica que a família cumpre, dentro do sistema capitalista, pois o controle metabólico<sup>2</sup> dominado pelo capital determina a orientação dos indivíduos particulares por meio de um sistema incontestável de valores. Essas idealizações da família fazem com que as violências no cotidiano sejam encobertas dificultando, portanto, a necessidade e superá-las.

Diante do exposto a emancipação da mulher só foi possível através da exploração de sua força de trabalho que são oriundas de todas as desigualdades enfrentadas pela classe trabalhadora, por isso houve uma necessidade de essa trabalhadora se organizar em busca de igualdade de direito não somente no mundo público mais no universo privado. Portanto a luta

---

<sup>2</sup> Sistema Metabólico: sistema incontentável de valores, onde a família conta com a ideologia de que é um lugar de aconchego e paz. Lugar para a pratica de diversas violência na qual esse sistema máscara. Para um aprofundamento sobre sistema Metabólico Cisne (2014).

do feminismo e pautas da tentativa de superação da relação contraditória entre capital e trabalho que são neutralizadas dentro do ambiente familiar, lugar fundamental para intensificação da exploração do capital. A esse respeito Cisne afirma:

A novidade da trajetória das mulheres [...] está no fato não só no fato de saírem às ruas descobrirem seus direitos sociais, mas no fato de que tenham redescobertos seus corpos, suas experiências, seus direitos, a descobertas desses direitos por sua vez passa a ser um motivo para mobilizar as mulheres para a vida pública, na qual elas começam a exercer uma vontade política e intervir nos seus destinos. (CISNE, 2014, p.138)

Nesse sentido, Priore (2008) salienta a trajetória dos movimentos de mulheres as demandas eram pautas nos direitos sociais, melhores condições de vida e de trabalho feminina, o movimento feminista lutava pelo fim da opressão e pela a liberdade das mulheres pautadas na sexualidade, aborto, violência, autonomia direitos civis e políticos, contudo no Brasil, as trajetórias do feminismo e dos movimentos de mulheres se confundiram, o encontro desses do movimento está na definição das suas pautas ainda que um movimento ou outro de mulheres possa distorcer as bandeiras feminista, ambas estão incorporados pelo mesmo objetivo, a superação da opressão e exploração da classe trabalhadora feminina.

Nesse sentido ainda seguindo pensamento da autora a luta feminista e um movimento de mulheres que se organiza não somente na conquista do direito ao voto, mas por melhores condições de vida. Nas demandas do movimento de mulheres sindicalizadas entre 1979 e 1985, uma das pautas era a questão salarial e a exaustiva jornada de trabalho. Ainda nos anos 80 recorreu uma revisão acerca da imagem social da feminilidade, nesse período novas proposições de reafirmação de equidade entre os sexos são debatidas e modificadas na ordem cultural e jurídica.

Portanto a luta das mulheres feministas é pautada desde suas primeiras iniciativas pelo direito de igualdade, regularização do trabalho, a jornada de trabalho de oito hora, salários igualitários, principalmente o rompimento das formas de dominação masculina que se reproduzia para além da esfera doméstica.

Diante do exposto Cisne (2014) salienta, no Brasil os movimentos das feministas foram marcados por três grandes movimentos bem representativos que sacudiram a sociedade, reafirmado assim a luta das mulheres na atualidade, esses movimentos foram: movimento de

mulheres camponesas (MMC) que em 2004 passa a se constituir um movimento social de caráter nacional, sua gênese foi nos anos 1980, e emergiu em torno das necessidades primeiras das mulheres com a perspectiva de libertação das mulheres de qualquer forma de opressão e discriminação que elas sejam protagonistas de sua própria história.

O movimento de Articulação de Mulheres Brasileira (AMB) é uma articulação política, cuja sua origem se deve a necessidade da organização de representação do Movimento de Mulheres Brasileiro na IV Conferência das Nações Unidas em 1995, nesse momento seu eixo pautado estava na questão da saúde, violência, participação política, mulheres no poder, educação e direitos sexuais e reprodutivos.

O Movimento Marcha Mundial de Mulher (MMM) surge em torno de uma organização e grande mobilização, que organizou mulheres de vários países do mundo em torno da campanha “Duas mil razões” para luta contra a pobreza e a violência sexista. A esse respeito Cisne ainda complementa:

O primeiro passo para a consciência feminista das mulheres começa com a ruptura das mais variadas apropriações que sofrem [...] processos esse que denominamos de apropriação de si, no sentido de as mulheres se perceberem como sujeitos e passarem a lutar por sua autonomia e liberdade, o que demanda rupturas estruturais e superação ideológicas, a começar com o modelo hegemônico de família e a ideologia de naturalização dos sexos. (CISNE, 2014, p. 176).

Diante do contexto é imprescindível que possamos criar uma consciência de si, de nossas condições enquanto mulher, enquanto classe trabalhadora, devemos lutar por uma emancipação plena, na qual o feminismo radicalize a luta de classe trabalhadora tendo o comprometimento com a transformação, o fim do patriarcado e o fim do capitalismo, embora a superação do modo de produção seja indispensável a emancipação humana, e necessário outro sistema de cultura e valores pautados na democracia e liberdade e igualdade, processo esse que o feminismo vem lutando para alcançar essas dimensões. No capítulo a seguir falarei sobre a divisão sexual do trabalho e suas determinações, além dos relatos da pesquisa em campo.

## **4 GÊNERO E SUAS DETERMINAÇÕES: RELATOS DAS MULHERES TRABALHADORAS DO RAMO DE SUPERMERCADOS NA CIDADE DE FORTALEZA-CE**

### **4.1 “Todo o nosso tempo é dedicado ao trabalho e afazeres domésticos” – discussões sobre divisão sexual do trabalho e sua dimensões**

Desde muito cedo, ainda na infância são ensinados valores que são transmitidos no núcleo familiar, em casa, na escola em todos os lugares sobre papéis sociais designando a uma educação sexista de como homens e mulheres devem ser e devem agir, conceitos entre feminino e masculino, cores para menino e pra meninas e vários outras categorias que vem composto outro fato que aprendemos e que homem tem que ser forte, não chorar, são preparados para serem os machões, já a mulher tem que ser mais delicada, comportada, moça de família, casarem, ter filhos, cuida do marido e se dedica às atividade doméstica isso tudo faz parte de uma cultura que é posta nas pessoas .conforme salienta Cisne (2014).

O papel ideológico do conservadorismo é ensinar crianças desde sua infância a aceitar as estruturas e primícias da sociedade de classe, que por meio da família internalizam valores conservadores que são repassados naturalmente no processo de desenvolvimento da criança, esse valores acerca da desigualdade, competitividade, autoridade, hierarquia, preconceitos e funções sexista, permitem a reprodução de novos antagonismo expresso na divisão sexual do trabalho. Portanto a família é pilar indispensável para o sistema capitalista.

Diante do contexto Antunes (2009) complementa:

A relação entre Gênero e Classe nos permite constatar que no universo do mundo produtivo e reprodutivo vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e mulheres que trabalham são desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho, e o capitalismo tem [...] apropriado desigualmente dessa divisão sexual do trabalho. (ANTUNES, 2009, p.109).

Nesse direcionamento pudemos constatar que a família é uma instituição na qual permitem a reprodução da opressão sofrida pela mulher, que é exteriorizada por meio do sexo,

esse sistema esta baseado na escravidão da mulher nas atividades domésticas e na dependência econômica. Assim o modo de produção doméstica e indispensável para o modo de produção capitalista, pois se apoia na exploração do trabalho domestico da mulher a como também na exploração da força de trabalho feminina na esfera produtiva, com isso recebem baixos salários e são desvalorizadas (CISNE, 2014).

Portanto, diante do exposto pelas entrevistadas, elas relatam que se sentir com uma sobrecarga de responsabilidade, pois além de serem trabalhadoras, e mães ainda tem toda a responsabilidade com os afazeres domésticos, pois não tem que possa ajudar nessa divisão de tarefas, já que seus companheiros já ajudam financeiramente se acham no direito de não fazer, mais que isso, sendo de obrigação delas executarem essas tarefas domésticas. Elas também expressaram no momento da entrevista certa insatisfação e tristeza, pois elas questionam o fato de fazer tanta coisa e não serem reconhecidas.

E difícil ter que dedica todo o meu tempo do dia em até três funções e uma sobrecarga física que causa um estresse e uma tristeza ao mesmo tempo chego até briga com meu marido porque ele não me ajudar nas atividades domésticas ele sempre diz essas coisas de arrumar casa e coisa de mulher eu falo que é responsabilidade de todos já que todos vivem na mesma casa. Mas no final das contas sou eu que acabo fazendo tudo. (TOINHA, ENTREVISTADA.)

A naturalização dessas qualidades ditas femininas assim como a naturalização do uso sexual do corpo, como sendo uma obrigação ou um papel da mulher, a revelia do seu desejo, apenas para satisfazer o “Direito” do homem, bem como para a garantia do casamento ou da sobrevivência, demonstra a falta de autonomia que muitas mulheres têm sobre si. O problema central persiste porque as mulheres são despossuídas de si mesma. (Idem, 2014).

Nesse sentido e de acordo com os relatos das entrevistadas, observou-se que mesmo elas se sentindo cansadas de sua rotina de vida, elas permanecem carregando todas as responsabilidades do núcleo familiar, a permanência do casamento ainda é vista pelas entrevistadas como algo para vida toda, sendo que elas não conseguem romper com esse ciclo de produção e reprodução, mesmo que a relação esteja ameaçada por diversos fatores, elas se acham na obrigação de superar tudo em nome da família.

Diante do exposto ainda de acordo com a autora Cisne:

[...] Essas expressões nas relações de sexagem [...] de sobrecarga de responsabilidade e a intensidade da apropriação sobre o corpo, a vida e o tempo das mulheres [...] não se limita as mulheres esposas, mas também, as mães, irmãs, filhas, tias, avós, enfim, estendem-se ao sexo feminino (CISNE, 2014, p. 104).

Essa divisão segmenta o trabalho de homens e mulheres e hierarquiza tais trabalhos de forma a subalternizar os considerados naturalmente feminino. Essas apropriações, explorações e opressões que pesam sobre o universo feminino, surgem primeiro na família e segundo na exploração de trabalho, pois elas trabalham, mais que os homens, contudo ganham salários inferiores, tem menor acesso riqueza, ao crédito, a informação e ao conhecimento. (CISNE, 2012).

E difícil fazer algum plano, de viajar, ou até mesmo de se profissionalizar, comprar algo, quando não temos dinheiro suficiente, não temos hora livre porque todo o nosso tempo é dedicado ao trabalho e afazeres doméstico, quando percebemos já é hora de trabalhar novamente, outra coisa e que sempre e nas mulheres que temos que abrir mão dos nossos objetivos na vida devido ao casamento. (SARITA, ENTREVISTADA).

Portanto a apropriação das mulheres na produção e reprodução, não é contraditória, mas se torna favorável uma a outra, as condições precárias de salários delas, fazem com que elas devam, além de trabalhar fora de casa ou fazendo “Bicos” ainda deve se manter a serviço do homem na família, de maneira que possa assegurar sua subsistência e a dos filhos. A esse respeito, Gama complementa:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos, mais do que isso é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente, tem como característica a designação prioritária dos homens a esfera produtiva e das mulheres a esfera reprodutiva é simultaneamente a apropriações pelos homens das funções com maior valor adicionado como na política, economia, e militares. (GAMA, 2015 *apud* HIRATA, 2007, p. 599).

Portanto a desvalorização do trabalho reprodutivo são construções sociais que são expressas naturalmente como atividades destinadas para as mulheres, dessa forma faz com que alguma atividade tenha ganhos inferiores, precarizando a vida social dessas mulheres que tem que se submeterem até a tripla jornada de trabalho para conseguir um padrão econômico

que possa garantir a manutenção de todas as suas necessidades. Nesse direcionamento Hirata (2007) salienta:

A manutenção das desigualdades existentes entre homens e mulheres no mundo do trabalho é influenciada por vários fatores, derivados da divisão sexual do trabalho e de uma ordem de Gênero, que inclui não só o trabalho, mas também todas as outras dimensões da vida social, que destinam à mulher a função básica e primordial de cuidar da vida privada e da esfera doméstica, e ao mesmo tempo atribuem a esse universo um valor social inferior ao mundo público. (HIRATA, 2007, p. 26).

Ainda seguindo o pensamento da autora, essas expressões de inserção da mulher como força de trabalho secundária seriam justificadas através de sua trajetória profissional estáveis ou interrompidas, em que as mulheres entrariam no mercado de trabalho não por um direito ou necessidade própria, mas por uma “falha” do homem que por algum motivo não pôde cumprir seu papel de provedor economicamente, ou pela ideia de que o mundo do trabalho não seria lugar de formação de identidade para as mulheres ou no mínimo, e um lugar secundário nesse processo. (HIRATA, 2007).

Tenho que trabalhar e ainda fazer “bico”, pois só meu salário seria insuficiente para custear minhas necessidades básicas e ainda minha faculdade, embora eu não tenha filho, mas o salário que eu ganho não dá pra mim viver e sim sobreviver, é muito difícil eu como aluna do curso de Direito, tenta me neutralizar diante dessa situação, onde nós mulheres somos muito prejudicada na vida. Outro fato é que eu já fui prejudicada de ocupar um cargo na qual eu tinha escolaridade, mais alta tanto que fui aprovada na prova objetiva com uma pontuação considerada suficiente até mesmo maior que alguns homens, mas não fui selecionada por motivo de ser um cargo preferencialmente masculino (LUNARA, ENTREVISTADA).

Portanto falar da inserção da mulher no mundo do trabalho, e discorrer das inúmeras dificuldades que elas vêm enfrentando diante de todo o contexto em que se formou a sociedade, onde elas não eram donas de seus corpos, de sua vida não tinha voz, nem vez, diante da legitimidade masculina, e embora os padrões dos novos modelos de arranjos familiares tenham se reproduzindo, as mulheres ainda sim continuam com o peso de toda responsabilidade diante da sua subsistência e dos filhos. Diante do exposto Cisne (2012) complementa:

[...] enquanto muitas mulheres trabalhadoras não têm consciência de sua condição social e ainda mínguem nesse modelo de sociedade com dupla jornada de trabalho e triplas jornadas de trabalho, com variados tipos de violência, com os, mas precários trabalhos [...] são as mulheres trabalhadoras, de baixa renda, as mais atingidas por este modelo econômico e cultural da sociedade pois elas são exploradas, oprimidas e discriminadas pelo sexo e pela classe, vivendo no limite da sobrevivência com relação as suas necessidade básica, inclusive, de alimentação.(CISNE, 2012, p. 85).

Ainda de acordo com a autora, é necessário perceber-mos que a feminização do trabalho, explicita numa análise crítica da divisão sexual do trabalho, são determinações relevantes para a produção e reprodução do capital que, desenvolve uma superexploração sobre o trabalho e sobre as atividades desenvolvidas por mulheres tanto na esfera pública através da desvalorização, subordinação, exploração intensificada, salários baixo desprestígio no mundo produtivo, quando no privado, pela utilização e responsabilização da mulher pela garantia da reprodução social, o que possibilita a produção social ser realizada com um custo menor.

Nesse sentido a apropriação dessas “qualidades” consideradas femininas, desconsideram o treinamento informal das mulheres, atribuído tais qualidades a uma suposta “natureza Feminina”, com isso as atividades realizadas pelas mulheres não seja percebida e nem valorizadas como atividade especializada, sendo injustiçadas pelos baixos salários.(CISNE,2014).

Portanto falar das desigualdades de gênero e perceber que não necessariamente elas são reproduzidas apenas pela discriminação do homem com a mulher, mas também pela classe, pois não podemos dizer que a classe burguesa sofre a mesma exploração que a classe trabalhadora, e que a raça negra tem as mesmas oportunidades que a raça branca, portanto a classe trabalhadora possui sexo e Raça.

Nesse sentido Neves (2009) salienta vivemos em uma sociedade humana em que prevalece a ideologia patriarcal, onde a classe masculina discrimina a mulher de diversas forma através da violência simbólica, culminando assim na violência de Gênero tanto na esfera doméstica quanto no ambiente de trabalho, vista como natural pelo dominado e pelo dominante.

Portanto ao falar sobre a categoria trabalho para as entrevistadas elas compreendem o trabalho como necessidade para o sustento da família do que por uma questão de emancipação, ao mesmo tempo elas se sentem cansadas e humilhadas no seu ambiente de

trabalho, essa humilhação muitas das vezes está relacionada a divisão sexual do trabalho que tem relação direta com a desigualdade de gênero como veremos no capítulo a seguir.

#### **4.2 “Meu salário é inferior se comparado ao do gerente (sexo masculino)” – discussões sobre gênero e relações de dominação no ambiente de trabalho**

Para elucidarmos sobre o poder do macho, desde infância o homem já é ensinado uma ideologia de ser forte, e caçador, que homens. Não choram não cuida das tarefas domésticas, pois isso é coisa de mulher e iria interferir na sua sexualidade, portanto essas construções ideológicas, historicamente, levaram ao homem ser sempre superior a mulher, tanto que ainda hoje essas construções sociais do homem perpassam todas as esferas, seja em casa, na rua ou no trabalho, eles sempre se põem com superioridade sobre o sexo feminino, até mesmo quando e a mulher que ocupam cargos de superioridade com a autonomia de impor regras, os homens não aceitam facilmente o fato de ser mandado pela mulher, assim ele tenta ridicularizar com certo estereótipo só para não perder essa superioridade socialmente construída.

Nesse sentido a identidade social tanto do homem quanto a mulher são construções sociais que a sociedade constrói e através dessa construção se espera que a sociedade cumpra determinados papéis, o sexismo não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres.

A esse respeito Saffioti (2011) complementa:

O sexismo prejudica homens, mulheres e suas relações. O saldo negativo maior é das mulheres, o que não deve obnubilar a inteligência daqueles que se interessam pelo assunto da democracia. As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem. (SAFFIOTI, 2011, p. 35).

Ainda de acordo com a autora, essa sujeição da mulher no ambiente de trabalho é, mas que as dos homens, primeiro por que elas recebem menos que os homens desempenhando a mesma função, e segundo porque as mulheres são sujeitas a testes

vexatórios, visando a controlar suas vidas reprodutivas e terceiro que as trabalhadoras são obrigadas a prestar serviço sexual ao patrão a fim de preservar seus empregos. Essa prática de poder é muito frequente em homens que ocupam cargo de chefia, se acham tão poderoso no campo das relações de trabalho que se julgam no direito de subjugar sexualmente mulheres que desempenham atividade remunerada sob seu comando.

Trabalho como repositora no setor de bazar, e me sinto inferior aos ter que realizar certas atividades que exigem uma certa força muscular, na qual tenho que recorrer ao homens, ainda por cima tenho que escutar as piadinha deles dizendo “ lugar de mulher e na cozinha ou no caixa do supermercado ,isso quando eles não me cobram troca de favores ,isso pra mim e muito humilhante. (ANINHA, ENTREVISTADA).

Nesse sentido Cisne (2012) salienta que a divisão do trabalho permite perceber nuances da exploração capitalistas muitas vezes mascaradas devido a naturalização da subalternidade das mulheres, assim também os papéis desempenhados não percebem o conteúdo de gênero presente na relações de trabalho, e produzem uma distorção, considerando naturais, invisíveis e inquestionáveis, nessa perspectiva e preciso problematizar a divisão sexual do trabalho como atribuições de atividades e de papéis sociais diferentes e desiguais segundo o sexo como fruto de uma construção sócio- histórico, com o nítido caráter econômico de classe sobre a exploração e opressão da mulher.

Trabalho como gerente de frente de loja há mais de quatro anos e já tive a oportunidade de gerenciar um setor de mercadorias no qual seu o salário pago é bem mais elevado que o meu, me achava muito competente para assumir o cargo, porém devido alguma tarefas de descarregamento de mercadorias, processo esse que não vejo como empecilho até porque tem a própria equipe que faz esse trabalho, não fui promovida com essa justificativa que não era trabalho para mulher, porém tive que me conter com meu cargo. (TOINHA, ENTREVISTADA).

Nesse sentido Nogueira (2006) Salienta que a divisão sexual do trabalho é compreendida como construção social e não como “destino biológico” assim a sociedade instaura hierarquias de poder e dominação. Assim, estabelece segregações e valorações que acabam por determinar um valor para o trabalho masculino diferente do das mulheres, desvalorizados suas qualificações e sua capacidade de ocuparem cargos de prestígio social,

isso afeta não só na remuneração, mas também quanto ao reconhecimento social da tarefa e da profissão, além da “naturalização” da responsabilidade pelo trabalho reprodutivo.

Nesse direcionamento, de acordo com os relatos das entrevistadas sua renda mínima varia de 1.900.00 a 2.00.00, levando em conta que há período em que esses valores podem diminuir, dependendo dos lucros gerados pela venda extra, portanto elas relatam viver em uma sociedade onde o salário mínimo se torna insuficiente para sobreviver, temos que fazer algo a mas para suprir todas as nossas necessidades, mesmo que isso custe todo nosso tempo, o que e mas difícil e ter que conciliar algum tempo livre para o lazer, pois elas têm que cuidar dos filhos do marido e de casa . Isso causa nas entrevistadas uma angustia, pois segundo elas, muitas das vezes vão trabalhar porque são obrigadas a assumir o compromisso com a empresa e com sua vida econômica. Diante do contexto Dieese (2012) complementa:

[...] discriminação de gênero é um fator determinante para as possibilidades de acesso, permanência e condições de trabalho. A necessidade de transformar as condições nas quais elas se inserem e estão inseridas, constitui-se em um desafio relevante para a construção de novas relações sociais. Historicamente, a abordagem por sexo revela que as mulheres enfrentam grandes dificuldades no mercado de trabalho, tanto para conseguir uma ocupação quanto para mantê-la e, principalmente, por auferir rendimentos menores que os homens. (DIEESE, 2013, p.1)

Sobre a relação de poder dentro do ambiente de trabalho, as mulheres relatam que já passaram por algum tipo estereótipos, a saber: “lugar de mulher e na cozinha”, “isso é trabalho de homem”, autoritarismo, entre outros, pelo próprio funcionário homens quanto pelo cliente, que muitas vezes associam a sua condição de assalariada como motivo para assediarem as operadoras, principalmente os clientes ricos. Elas relatam que muitas vezes não expõem essa questão para o responsável porque seria perda de tempo, outras temem a uma demissão.

Já fui assediada pelo meu superior, ele me convidou para participar de um seleção para outro cargo com ganhos bem melhores que o meu, porém ele deixou bem claro que queria me conhecer melhor e que tudo poderia dar certo pra mim se eu aceitasse ficar saindo com ele, mesmo eu precisando muito desse cargo eu não aceitei, porém percebi que ele começou a me perseguir dentro da empresa sempre me questionava as coisas, querendo me culpa de algo, foi uma situação muito constrangedora, pois só me senti em paz quando ele foi transferido pra outra empresa. (SARITA, ENTREVISTADA).

Portanto o gênero é uma maneira de existir do corpo, e uma situação de possibilidades culturais, o corpo da mulher e essencial para o homem exercem seu poder. É insuficiente para defini-la como mulher como salienta Bourdieu:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios e visão e de divisão sexualizante [...] aplicando-se a todas as coisas do mundo e antes de tudo ao próprio corpo em sua realidade biológica, é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizadas na relação arbitrária de dominação do homem sobre as mulheres. (BOURDIEU, 2002, p.9).

Ainda seguindo o pensamento do autor, essas dominações são categorias simbólicas construídas pelo dominado, e vistas como naturais pelo dominador.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador e, portanto, a dominação, quando ele não dispõe, para pensá-los e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação em ela, mais que de instrumento de conhecimento que ambos têm em comum e que não sendo mais que a forma incorporada da relação e dominação faz esta relação ser vista como natural. (BOURDIEU, 2002, p. 23)

Diante do contexto a diferença biológica entre homens e mulheres faz parte um uma construção social, sendo o órgão sexual o estruturador das diferenças socialmente construídas entre as relações de gênero principalmente na divisão sexual do trabalho, onde o corpo em seu movimento está submetido a um trabalho de construção social.

Nesse sentido eu como aluna, classe trabalhadora e dona de casa também, vivencio essa desigualdade de Gênero onde por muitas vezes mesmo tendo um nível de consciência a cerca da situação não pude me expressar de modo revolucionário, portanto, tento não me neutralizar, de algum modo tento repassar meu conhecimento para outras trabalhadoras, tendo sempre em vista que essas desigualdades que são reproduzidas nos salários inferiores, desprestigiam de funções que elas mesmas expuseram nas entrevistas não são naturais e sim uma ordem socialmente construída. Diante do referenciado Cisne (2012) complementa:

A categoria Gênero deve ser pensada para além de uma construção cultural, uma vez que a cultura não é natural [...] o gênero deve ser historiado, mas também a cultura e a sociedade. Não de forma isolada, mas inter-relacionada com as demais relações

sociais. Afinal a cultura é determinada nas e pelas relações sociais, não de forma linear, homogênea ou fragmentada [...] mas dentro das contradições que determinam a produção e reprodução desta sociedade. (CISNE, 2012, p. 89).

Portanto as relações de poder que perpassam dentro do ambiente de trabalho ainda não são tão visíveis ao ponto de punir quem as comete, sendo as trabalhadoras as mais prejudicadas, pois muitas vezes por questões financeiras aceitam certos assédios para poder ganhar privilégios no trabalho e até mesmo subirem de cargos.

Diante do exposto Saffiot (1987), complementa esse poder que penetram as relações de trabalho, vista como natural quase sempre este associado do poder político. Dessa forma essa associação permite a minoria impor regras de conduta a maioria, dessa forma os poderosos donos do meio de produção disciplina e controlam a mão de obra assalariada, cujo trabalho lhe garante auferir grandes lucros. A esse respeito Foucault ainda complementa:

[...] para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la. (FOUCAULT, 2010, p. 22).

A esse respeito Foucault (2010) salienta que o poder seja em qualquer sociedade são múltiplas relações de poder que perpassam, caracterizam e constituem um corpo social, que só se legitima através de uma produção, uma acumulação um funcionamento do discurso da verdade, se há os dominantes há também os dominados, se as leis que operam há também os que determinam e os que devem obediência, nesse sentido dentro da lógica capitalista circulam um poder econômico na qual submetem os trabalhadores a várias disciplinas de obediência.

Nesse direcionamento, percebemos que as relações de poder no ambiente de trabalho é uma forma de poder econômico, na qual a mulher serve como um corpo sem coerção física para a prática de violência e subordinação para obterem certos resultados. Assim as trabalhadoras dos ramos de supermercado adquirem um sofrimento causado pelos danos morais e psicológicos vivenciados no ambiente de trabalho, imposto pela ordem do capital

que impõe aos indivíduos formas de se posicionarem no espaço, seguindo regras e padrões da lógica do dominante.

Portanto a violência expressa nas relações de trabalho é camuflada e passa despercebida devido à necessidade ou até falta de compreensão das mulheres acerca da problemática, pois de acordo com as entrevistadas, a prática de violência no seu conhecimento só acontece fisicamente, dessa forma embora elas relataram os assédios, desgaste físico causado pela sobrecarga de trabalho, desprestígio profissional, elas não conseguem perceber tudo isso como violência psicológica, com isso vão levando uma vida insatisfeita, enquanto os membro do núcleo familiar levam uma vida muito mais satisfeitos produzem mais e tem mais horas livres para realizar seus objetivos, é nesse direcionamento que tanto a mulher quanto homem, precisa ter compreensão de que as atividades domésticas também são responsabilidade deles, pois democracia é dividir todas obrigações são necessários para sua reprodução enquanto ser humano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou mostrar que as novas estruturas produtivas fragmentaram mais ainda a condição da mulher no mundo do trabalho, com a expansão de serviços que criam nova forma de acumulação para o capital, as novas tecnologias a força muscular já não é mais tão necessária, acabam por inserir o trabalho feminino de modo precário e sem as mesmas condições de direitos ao dos homens. Essa nova forma de relação flexível, parcial e assalariada, distancia a mulher de uma emancipação plena na medida em que elas se submetem a condições precárias de trabalho, com baixos salários e desprestígio profissional.

Nesse sentido a inserção da mulher no mercado de trabalho, é marcado por avanço e retrocesso, na medida em que elas passam a fazer parte de universo na qual eram somente ocupadas pelos homens elas passam de certa forma a romper parcialmente com o conservadorismo tradicional, mas sua sexualidade, conduta moral, ainda era questionada pois acreditava-se que o trabalhar fora de casa não era lugar para a mulheres e que poderia acontecer a degradação da família , pois a mulher era a principal responsável pela moral social educação dos filhos, com isso a capitalismo se apropriou do conceito de família, para explorar as mulheres em tarefas consideradas de qualificação delas, na medida em que essa mulheres passaram a se organizar enquanto classe, e a lutar por seu direito é que novas teorias começam a sacudir as vertentes decorrentes do patriarcado.

Paralelo a esse crescimento da inserção da mulher no mercado de trabalho, estão trabalhadoras dos ramos de supermercado, em condições precárias, baixos salários, jornada de trabalho intensiva de ate 16 horas por dia, horário para entra e não para saírem e todas as discrepâncias do mundo do trabalho alem das desigualdades de gênero ainda e muito fortes principalmente nos lares onde as mulheres casadas são as únicas responsáveis pelos afazeres domésticos. Segundo os relatos das entrevistadas são elas que se sentem muito cansadas, que seu dia é todo dedicado ao trabalho, casa, filho, marido e muitas vezes trabalho extra, quando têm uma folga ela falam que trabalham, mais em casa do que no próprio trabalho, pois sua compreensão de trabalho só totaliza o trabalho fora de casa no caso o trabalho produtivo.

Ao vivenciamos a dinâmica vivida por essas mulheres trabalhadoras, compreendemos também que a relação de gênero, trabalho e divisão sexual do trabalho, tendo em vista que são elas as que desenvolvem os trabalhos mais precários, exaustivos do modo de produção capitalista, além de continuarem legitimando sua reprodução de papéis socialmente construída, sendo elas as únicas reprodutora e responsável pelo trabalho domésticos, incluindo os cuidados com os filhos que estão presentes até os dias de hoje.

As características das mulheres trabalhadoras dos ramos de supermercado são bastante diversificadas, possuem faixa etária acima de 25 anos de idade, enquanto seu estado civil, somente uma é solteira e não tem filho e cursa ensino superior, enquanto as outras são casadas e têm filhos, e tem ensino médio concluído, todas trabalham no mesmo local onde a pesquisa foi realizada, sobre a rotina de trabalho são no mesmo horário, inicia às 6h e termina às 14h sendo que uma das entrevistadas em algum momento de necessidade da empresa ela ultrapassa essa carga horária e são recompensadas com banco de horas em outro dia em que a empresa determinar.

Quanto às percepções das trabalhadoras sobre trabalho, elas responderam ser uma forma digna, uma maneira de alguém sobreviver, porém é muito cansativo e desvalorizados, um dela falou que gosta de sua profissão, porém ser fosse, mas reconhecida profissionalmente e financeiramente seria melhor ainda, pois não teriam que se dedicar em outra atividade extra para poder sobreviver, teriam tempo pra cuidar não só dos filhos mais de si próprias.

Portanto pesquisar o universo do trabalho no ramo de supermercado, para mim, enquanto pesquisadora foi muito enriquecedor, pois a cada falar delas era como se os autores estivessem falando comigo na mesma hora e afirmando todas as questões que teoricamente já havia estudado e que são história de vida que aconteceram e que ainda são reproduzidas na vida das trabalhadoras, muitas camufladas pelo discurso empresarial, outras estereotipadas pelo público masculino, até mesmo pelo feminino quando não se tem um empoderamento, elas mesmas reproduzem e educam seus filhos dentro dessa cultura, foi um momento gratificante que me permitiu um aprofundamento, mais amplo sobre a temática.

Portanto, vale ressaltarmos que não pretende com esse estudo aponta soluções para as dificuldades das trabalhadoras dos ramos de supermercado de Fortaleza-CE, mais se espera mostrar através dessa pesquisa a realidade dessas e de tantas outras, trabalhadoras que sofrem os antagonismos da divisão sexual do trabalho, de modo que possamos contribuir para que

esse tipo de cultura socialmente construída possa “cair por terra”, ou seja, desnaturalizada para que as mulheres sejam protagonistas de sua própria história.

Nesse sentido como pesquisadoras desde trabalho expõem alguma reflexão, com a afirmação de que cada etapa aqui realizada foi de suma importância para nosso crescimento e amadurecimento pessoal e como pesquisadora. Tudo isso nos fez perceber que a história continua e que só podemos evoluir enquanto pessoa quando temos a capacidade de dar continuidade a esse processo de conhecimento.

Eu como graduada no curso de Serviço Social, espero que a pesquisa seja ampliada no processo metodológico dos futuros alunos. Pois a categoria classe trabalhadora que estudamos no decorrer do curso ainda tem um viés conservador levando a compreender apenas a classe masculina sendo que ela é composta e que a mulher também está inserida dentro desse contexto, assim também a violência contra mulher ela também precisa ser mais contextualizadas, levando em consideração de que a violência seja ela física ou psicológica perpassam para além do âmbito doméstico, independente de qual seja a classe social, os diversos tipos de relacionamento, como também a violência contra as mulheres nas relações de trabalho ela são existente e precisam ser percebida no ponto de vista de superá-las.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do Trabalho. 3.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

BARROCO, Maria Silva (Org.). **Código de ética do assistente social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CISNE, Mirla. **Gênero divisão sexual do trabalho e serviço social**. 1.ed, São Paulo: Outras Expressões, 2012.

\_\_\_\_\_. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

CRISTINA, Ana. **Direitos humanos desigualdade feminina no mercado de trabalho persiste diz ONU**. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br>. Acesso em 27 abril. 2015.

DEOL PRIORE, Mary. (1952) **História e conversas de mulher**. São Paulo: Plante, 2013.

\_\_\_\_\_. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed 1ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

DIEESE. **A inserção da mulher no mercado de trabalho metropolitano e a desigualdade nos rendimentos**. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analiseped/2013pedmulhermetpdf>. Acesso: 26 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GAMA, Andre de Sousa. **Trabalho, família e gênero**: impactos do direito do trabalho e da educação infantil. São Paulo: Cortez, 2015.

GANDOLPHO, Cibele. **Mais de 64% das mulheres trabalha fora**. Disponível em <http://www.dgabc.com.br>. Acesso em: 08 mar. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projeto**. São Paulo: Atlas, 2010.

GRANDA, Alana. **Mulheres Ganham Menos que Homens Mesmo Sendo Maioria com Ensino Superior**. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br> Acesso em 25 ago. 2018.

HIRATA, Helena. **Organização trabalho e gênero**. São Paulo: Senac, 2007.

**IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <[HTTP://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoeredimento](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoeredimento)>. Acesso em: jun. 2016.

JORNAL O GLOBO. **Cresce participação de mulher no mercado de trabalho do Ceará**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Biotempo, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVIS, Márcia. **A violência contra a mulher no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: Papers, 2009.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **Feminização no mundo do trabalho**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, Patriarco, Violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

\_\_\_\_\_. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

VETTORAZZO, Lucas. **Presença de mulheres no mercado de trabalho avança**. Disponível em: <[HTTP://www.folha.oul.com.br/mercado](http://www.folha.oul.com.br/mercado)>. Acesso em: 16 jun. 2016.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA COLETA DE DADOS DA ENTREVISTA  
SEMIESTRUTURADA

PERGUNTA DO PERFIL

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Renda familiar:

Estado civil:

1. Como foi sua inserção no mercado de trabalho?
2. Como são atribuídas as atividades entre homem e mulheres que ocupam o mesmo cargo de trabalho?
3. Você se sente incapaz de realizar certa atividade que são atribuídas aos homens?
4. Em algum momento de sua vida profissional você já se sentiu prejudicada pelo fato de ser mulher?
5. Como é a relação entre homens e mulheres no ambiente de trabalho?
6. Além de trabalhar fora de casa você executa alguma outra tarefa?